

O presidente da Associação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, durante palestra proferida ontem no Rotary Clube de Interlagos, afirmou estar preocupado "com esta que é a maior crise registrada em nossa história".

"Cada vez existem menos empresas privadas" — acrescentou Afif —, "registrando-se, em contrapartida, o fortalecimento das empresas públicas. Pois bem, se isso prosseguir, só restarão dois caminhos para o País: o capitalismo de Estado ou o socialismo de cunho esquerdista. Nenhuma das duas soluções interessa, evidentemente, a quem defende a liberdade, ou seja, à maioria da sociedade brasileira".

Afif defendeu ainda a livre negociação entre patrões e empregados, mas que deve ser acompanhada de modificações institucionais que "permitam a existência de sindicatos livres, de parte a parte, e de uma lei de greve que assegure ao trabalhador o justo direito do exercício do poder de pressão".

FIESP

O 1º vice-presidente da Fiesp/Ciesp, Mário Amato, por sua vez, afirmou ser necessário "programar o desenvolvimento, estabelecendo as prioridades nacionais, para evitar obras desnecessárias e assegurar, por meio de obras indispensáveis, a geração de emprego". Amato falou aos diretores de delegacias regionais e representantes locais do Centro das Indústrias de todo o Estado, quando ressaltou que no caso de falta de pagamento da dívida externa os credores do País cortarão o crédito e as importações terão de ser pagas à vista, a par do bloqueio das exportações brasileiras. Recomendou a reativação da indústria da construção civil.

RS

Até que sejam divulgados os "finalmente", o presidente do Sindicato das Indústrias de Construção Civil do Rio Grande do Sul, e vice-presidente da Confederação Brasileira da Indústria da Construção Civil, Luis Ponte, manifestará suas dúvidas com relação à eficácia do último "pacote" econômico: "tem que se ter um processo para sustentar a realimentação inflacionária", disse, "o que não pode se processar apenas no controle dos salários".

Como o vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Paulo Vellinho, ou o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Sérgio Schapke, ou o presidente da Associação das Empresas Comerciais Exportadoras do Brasil (tradings), Carlos Sehbe, Ponte pede "instrumentos de expurgo dos índices que protegem os capitais especulativos".

"Se o governo deve Cr\$ 13 trilhões e estamos num país pobre", exemplifica ele, "então temos credores para embolsar esse dinheiro e concentrar ainda mais a renda". Lembra, ainda, que pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais (Ibmec) indicam que os títulos da dívida pública "estão concentrados nas mãos de poucos". Na sua opinião, seria justo que "esses privilegiados sejam atingidos pela desindexação econômica". O presidente em exercício da Confederação Nacional da Agricultura, Guilherme Pimentel Pinto, por sua vez, afirmou que

**"Maior crise
da história
brasileira"**